

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. O terror e a dádiva. Goiânia: Editora Vieira; Cãnone Editorial, 2004. 206 p..

TELMA CAMARGO DA SILVA*

Como enunciado no título, o livro de Pedro Paulo Gomes Pereira é uma reflexão, instigante, sobre a dádiva e o terror. A escolha dessas categorias, aparentemente contraditórias, para nomear a obra, prenuncia de imediato a perspectiva adotada pelo autor diante da pandemia da Aids: o paradoxo, o inconciliável, a ambigüidade, a contradição. Enquanto a noção de dádiva remonta à tradição instituída por Marcel Mauss (1983[1923-1924]) e implica dom, reciprocidade, e vínculo, a noção de terror, ainda nova na literatura antropológica, remete, particularmente, aos trabalhos de Michael Taussig (1983) e de Veena Das (1998; 2000) e refere-se a violência, a sofrimento, a rupturas. Assim, é na interconexão do absurdo e da impossibilidade que a obra apresenta-se para a leitura.

A análise, construída com base no trabalho de campo realizado no período de junho de 1998 a novembro de 1999, articula-se a partir de três loci etnográficos: a) uma instituição, nomeada pelo autor como Fraternidade, que surgiu, na década de 1990, na periferia de Brasília, nas proximidades da rodovia que liga o Distrito Federal a Goiânia, para abrigar portadores de HIV; b) o Hospital Universitário de Brasília (HUB), c) e o Projeto Com-Vivência, um grupo de pesquisa e assistência aos portadores do vírus e instituído no âmbito do HUB. Embora multilocalizada, nesse itinerário que envolveu a

articulação de diferentes lugares e diversos atores sociais, a perspectiva de observação do autor é a da população da "Fraternidade", que se caracterizava por indivíduos pobres, oriundos de diferentes regiões do Brasil e da América do Sul e sem ter um lugar para morar. O quadro de internos era constituído por prostitutas, travestis, meninos de rua, presidiários e ex-presidiários, sem-teto. A instituição distinguia-se, também, pela ausência de auxílio governamental e com sistema organizacional que se distanciava das organizações não-governamentais (ONGs) atuando nessa área.

O recorte feito por Pereira, qual seja, o de analisar a epidemia pelo lado do terror que emerge das sociabilidades construídas na doença, representa uma contribuição inovadora aos estudos antropológicos sobre Aids, no Brasil. Na verdade, uma rápida revisão bibliográfica indica que as análises concentram-se principalmente na área da sexualidade (Parker et al., 1994; Loyola, 1994; Parker; Galvão, 1996; Horizontes antropológicos, 2002). Embora valha assinalar a existência de duas etnografias (Bastos, 1999; Valle, 2000) que contribuem significativamente para ampliar essa discussão ao incluírem, nesse campo, reflexões sobre o ativismo e o processo de produção do conhecimento no tratamento da Aids e sobre a formação identitária de pessoas vivendo com HIV e Aids no Brasil. Assim, nesse contexto, reafirmo que a proposta de abordagem de Pereira aponta também para novos caminhos no estudo sobre Aids e sociabilidade no Brasil.

O livro divide-se em onze seções cujos títulos pretendem orientar o caminho da leitura.

* Mestre em Sociologia da Literatura pela École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris e Ph.D. em Antropologia pela City University of New York. Professora aposentada da UFG.

Contudo, o percurso não é fácil. Ao trazer para a sua análise contribuições do campo da filosofia, da psicanálise e da antropologia, colocando-se pois na perspectiva de uma abordagem transdisciplinar, o autor indica, mas não aprofunda, os vários conceitos que constituem o aparato teórico com o qual ele dialoga com os seus dados. Esse caleidoscópio teórico que permeia o trabalho de Pereira e que aponta para uma certa fragmentação da etnografia pode ser percebido por um duplo ângulo. Primeiro, como uma opção por uma abordagem pós-moderna, segundo a qual problematiza-se a possibilidade do antropólogo de descrever e/ou representar outras culturas, outros contextos etnográficos. Assim, cabe ao antropólogo somente “evocar” (Rosenau, 1992, p. 106) as situações de terror, violência, sem assumir a sua autoridade etnográfica. Reflexão essa que é trazida pelo autor (p. 32-35; 137) quando discute a complexidade do fazer etnográfico nas situações de sofrimento. A segunda forma de entendimento dessa fragmentação estaria na própria impossibilidade de o objeto ser apreendido. Uma perspectiva de leitura igualmente indicada pelo autor ao afirmar na última parte do livro que o “terror é uma categoria arredia ao enquadramento conceitual” (p. 184). Assim, mesmo dialogando com vários autores e tentando vários conceitos, a realidade empírica perde-se e o que fica é o simulacro. E então eu me pergunto, é o objeto que se nega ou é a opção da escritura etnográfica que se impõe?

Ao falar da Aids e da sociabilidade construída no cotidiano da Fraternidade, o autor traz para o centro de sua reflexão a discussão sobre o terror e o questionamento sobre o ofício do antropólogo no contexto da dor. Seguindo Bauman, Forrester e Agaben (apud Pereira, 2004, p. 80), o autor afirma que terror e sofrimento são partes estruturantes da modernidade e da pós-modernidade e caracterizam-se na incapacidade da troca, no rompimento dos vínculos sociais e na destruição da linguagem (Das apud Pereira, 2004, p. 75). A contradição inerente à Fraternidade, como lugar da dádiva e do terror, seria assim metafórica das relações sociais estabelecidas pelos indivíduos nos vários contextos da contemporaneidade. O uso do conceito de double bind (Bateson apud Pereira,

2004, p. 96; 124; 136), entendido como “o recebimento e a absorção de imagens conflitantes sem a formulação de resposta apropriada” (Pereira, 2004, p. 137), se constitui como referencial teórico fundamental no entendimento daquilo que Pedro Paulo denomina de “dádivas simulacrais” (p. 148-149): situações originadas da ambigüidade provocada pela simulação de dádivas que nunca se completam e que são causas de terror. No caso da Fraternidade, a insinuação da dádiva faz com que o interno prefira essa instituição ao hospital ou à prisão. Contudo, a impossibilidade de criar vínculos afetivos, quando a própria vida depende deles, é sentida como aterrorizante (p. 148-149). Mais uma vez, a idéia da ambigüidade sugerida pelo título do livro encontra eco na análise do autor, corroborando minha afirmação de que o conceito de double bind é o que melhor costura dádiva e terror e que se institui como central para o entendimento da análise proposta por Pereira.

Quanto à reflexão de Pedro Paulo sobre a posição do etnógrafo em situações-limite de dor, ela é anunciada por questionamentos feitos na “Introdução” do livro acerca da possibilidade de compartilhamento do sofrimento do “outro” e na sua recusa em se constituir como um “profissional do sofrer” (p. 15). Assim o autor acredita que a autoridade da disciplina não pode ser forjada em cima do sofrimento do outro, nem pode o antropólogo falar por, pois isto reforçaria a impossibilidade da fala dos subalternos (Spivak apud Pereira, p. 188). Mas em que consiste esse compartilhamento? Tratando-se a Aids de uma situação-limite de sofrimento, esta é uma questão fundamental. Para alguns antropólogos, trabalhando na área da antropologia da saúde e da doença, o conhecimento produzido pelas etnografias deve engendrar uma ação social e um trabalho de envolvimento com as políticas públicas, por exemplo, subsidiando projetos de educação e de prevenção. Essa posição é defendida, entre outros, por Levine (1992) e também por Paul Farmer (1993; 1992), cujos estudos sobre a Aids são referência no âmbito da antropologia estadunidense. Para Pereira, que segue em outra direção, o compartilhamento advém da estratégia de se “formar um só corpo, por meio de narrativas” (p. 189), fazendo com que outros corpos experienciem o sofrimento

narrado e que a solidariedade seja ativada (p. 189). Nesse contexto, o envolvimento do antropólogo, distanciado de uma “perfeita abstração” (p. 190) narrativa é uma forma de solidariedade. É pois na estratégia discursiva que se encontra o compartilhamento do sofrimento. É nessa dupla reflexividade, a do antropólogo sobre suas emoções em campo e a do próprio leitor, após a leitura das narrativas de dor dos portadores de HIV, que se localiza o cerne da perspectiva adotada por Pereira para o fazer etnográfico em contexto de sofrimento.

Referências

- BASTOS, Cristiana. *Global responses to Aids: science in emergency*. Bloomington: Indiana University Press, 1999.
- DAS, Veena. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. Delhi: Oxford University Press, 1998.
- DAS, Veena et al. *Violence and subjectivity*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- FARMER, Paul. *New disorder, old dilemmas: Aids and Anthropology in Haiti*. In: HERDT, G.; LINDENBAUM, S. (Orgs.). *The time of Aids*. London: Sage Publications, 1992. p. 287-318.
- _____. *Aids and accusation: Haiti and the geography of blame*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS. *Sexualidade e Aids*, v. 8., n. 17. Porto Alegre: UFRGS, 2002. [Número especial]
- LEVINE, Martin P. *The implications of constructionist theory for social research on the Aids epidemic among gay men*. In: HERDT, G.; LINDENBAUM, S. (Orgs.). *The time of Aids*. London: Sage Publications, 1992. p. 185-198.
- LOYOLA, Maria Andréa. (Org.). *Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- MAUSS, Marcel. *Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*. In: *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1983 [1923-1924].
- PARKER, Richard et al. (Orgs.) *A Aids no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- PARKER, Richard; GALVÃO, Jane. (Orgs.). *Quebrando o silêncio: mulheres e Aids no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- ROSENAU, Pauline Marie. *Repudiating representation. In: Post-modernism and the social science: insights, inroads, and intrusions*. Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 92-108.
- TAUSSIG, Michael. *The devil commodity fetishism in South America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1983.
- VALLE, Carlos Guilherme do. *The making of people living with HIV and Aids: identities, illness, and social organization in Rio de Janeiro, Brazil*. Londres, 2000. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia, University College.